

GEORGES SIMENON

A noite da encruzilhada

Tradução
Eduardo Brandão



Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La Nuit du carrefour

Projeto gráfico
Bruno Romao e Alceu Chiesorin Nunes

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Flavia Lago

Revisão
Márcia Moura
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.
A noite da encruzilhada / Georges Simenon ;
tradução Eduardo Brandão. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Título original: *La Nuit du carrefour*.
ISBN 9785-359-2452-7

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2. Romance francês I. Título.

14-04309

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa
843.0872

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. O monóculo escuro 7
2. As cortinas que se mexem 19
3. A noite da encruzilhada 31
4. A prisioneira 43
5. O carro abandonado 55
6. A noite dos ausentes 67
7. Os dois ferimentos 81
8. Os desaparecidos 93
9. Os homens enfileirados 105
10. Em busca de um culpado 117
11. Else 129

1. O monóculo escuro

Quando Maigret, com um suspiro de cansaço, afastou sua cadeira da mesa em que estava acotovelado, fazia exatamente dezessete horas que durava o interrogatório de Carl Andersen.

Haviam visto sucessivamente pelas janelas sem cortinas a multidão das costureirinhas e dos escriturários tomar de assalto, na hora do almoço, os restaurantes populares da Place Saint-Michel, a animação decrescer, a correria das seis em direção aos metrôs e às estações ferroviárias, o ócio do aperitivo.

O Sena ficara envolto em vapor. Um derradeiro rebocador havia passado, com as lanternas verdes e vermelhas, puxando três barcaças. Último ônibus. Último metrô. O cinema, cujas grades eram fechadas depois de guardarem os painéis com os cartazes.

E a estufa que parecia roncar mais forte na sala de Maigret. Em cima da mesa, havia copos vazios, restos de sanduíches.

Um incêndio deve ter começado em algum lugar, porque se ouvia os carros barulhentos dos bombeiros passarem. Houve também uma batida policial. O camburão saiu por volta das

duas da madrugada da Chefatura, voltou mais tarde pelo pátio da detenção, onde despejou o produto de sua caçada.

O interrogatório ainda continuava. De hora em hora, ou de duas em duas horas, conforme seu cansaço, Maigret apertava uma campainha. O inspetor Lucas, que cochilava na sala ao lado, aparecia, dava uma olhada nas notas do comissário, o substituía.

E Maigret ia se deitar numa cama de campanha para voltar à carga com novas provisões de energia.

A Chefatura estava deserta. Algumas idas e vindas na Brigada de Costumes. Um vendedor de drogas que um inspetor trouxe por volta das quatro e que interrogou sem perda de tempo.

O Sena se aureolou com uma névoa leitosa que foi branqueando, e fez-se o dia, iluminando os cais vazios. Passos ecoaram nos corredores. Campainhas de telefone. Chamados. Portas batendo. A vassoura das faxineiras.

E Maigret, pondo o cachimbo quente em cima da mesa, se levantou, olhou para o detento da cabeça aos pés, com um mau humor não isento de admiração.

Dezessete horas de interrogatório sem trégua! Antes, retiraram do homem os cadarços dos sapatos, o colarinho postiço, a gravata, e esvaziaram seus bolsos.

Durante as quatro primeiras horas deixaram-no de pé no meio da sala, e as perguntas caíam tão abundantes quanto balas de metralhadora.

— Está com sede?

Maigret estava no seu quarto chope e o preso havia esboçado um pálido sorriso. Bebera avidamente.

— Está com fome?

Pediram a ele para sentar, depois levantar. Ficara sete horas sem comer e o imprensaram logo em seguida, enquanto devorava um sanduíche.

Eram dois se revezando para interrogá-lo. Entre as sessões,

eles podiam cochilar, se deitar, escapar do tormento daquele interrogatório monótono.

E eram eles que entregavam os pontos! Maigret dava de ombros, procurava um cachimbo frio numa gaveta, enxugava a testa úmida.

Talvez o que mais o impressionava não era a resistência física e moral do homem, mas sua elegância perturbadora, a distinção que preservava até o fim.

Um homem mundano que sai da sala de revista sem gravata, que passa depois uma hora, nu em pelo, com uma porção de malfeiteiros nos locais do Serviço de Identificação, levado da máquina fotográfica para as cadeiras de medição, empurrado, às voltas com as piadas deprimentes de certos detentos, raramente mantém essa segurança que, na vida privada, fazia parte da sua personalidade.

E quando passa por um interrogatório de algumas horas, é um milagre se alguma coisa ainda o distingue do primeiro vagabundo que aparece.

Carl Andersen não se alterara. Apesar do terno amarroado, continuava a exibir uma elegância que o pessoal da Polícia Judiciária raramente tem a oportunidade de apreciar, uma elegância de aristocrata, com aquele quê de contenção, de rigidez, aquela ponta de altivez, típica sobretudo dos meios diplomáticos.

Era mais alto que Maigret, de ombros largos, mas ágil e esguio, cintura estreita. Seu rosto alongado estava pálido, os lábios um pouco descorados.

Usava um monóculo escuro no olho esquerdo.

– Tire-o – haviam ordenado.

Ele obedeceu, com a sombra de um sorriso. Deixara a num olho de vidro, de uma imobilidade desagradável.

– Um acidente?

– Sim, de aviação.

– Quer dizer que foi à guerra?

– Sou dinamarquês. Não tive de participar da guerra. Mas eu tinha um avião de passeio, lá.

Aquele olho artificial era tão incômodo, num rosto jovem, de traços regulares, que Maigret grunhiu:

– Pode pôr seu monóculo.

Andersen não tinha se queixado uma só vez, nem quando o deixavam de pé, nem quando esqueciam de lhe dar de beber ou de comer. De onde estava, podia observar o movimento da rua, os bondes e os ônibus atravessando a ponte, um raio de sol avermelhado, na boca da noite, e agora a animação de uma clara manhã de abril.

Mantinha-se sempre ereto, sem pose, e o único sinal de cansaço era a olheira fina e profunda que sublinhava seu olho direito.

– O senhor mantém suas declarações?

– Mantenho.

– O senhor se dá conta do que elas têm de inverossímeis?

– Sim, me dou conta, mas não posso mentir.

– O senhor espera ser posto em liberdade, por falta de prova formal.

– Não espero nada.

Um nada de sotaque, mais acentuado desde que ficou cansado.

– Deseja que releia o auto de interrogatório antes de assiná-lo?

Um gesto vago de homem mundano que recusa uma xícara de chá.

– Vou resumir em linhas gerais. O senhor chegou à França faz três anos, em companhia de sua irmã Else. Ficou um mês em Paris. Alugou então uma casa de campo na estrada nacional de Paris a Étampes, a três quilômetros de Arpajon, no lugar chamado Encruzilhada das Três Viúvas.

Carl Andersen aprovou com um leve sinal da cabeça.

— Há três anos o senhor mora lá, no mais estrito isolamento, a tal ponto que as pessoas do lugar só viram sua irmã cinco vezes. Nenhum relacionamento com os vizinhos. Comprou um carro de cinco cavalos, de modelo antiquado, que usa para fazer as compras no mercado da cidade. Todos os meses vem, sempre nesse carro, a Paris.

— Para entregar meus trabalhos à casa Dumas et Fils, Rue du Quatre-Septembre, isso mesmo!

— Trabalhos que consistem em modelos de tecidos para móveis. Por modelo recebe quinhentos francos. Produz em média quatro por mês, ou seja, dois mil francos.

Novo sinal de aprovação.

— Não tem amigos. Sua irmã não tem amigas. Sábado à noite, o senhor foi se deitar como de costume por volta das dez. E, como de costume também, trancou sua irmã no quarto dela, ao lado do seu. O senhor assegura que ela é muito medrosa. Bom, deixemos para lá. Às sete da manhã de domingo, o sr. Émile Michonnet, corretor de seguros, que mora numa casa a cem metros da sua, entra na garagem dele e percebe que seu carro, um seis cilindros novo, de marca conhecida, desapareceu e foi substituído pelo seu calhambeque.

Andersen não se mexeu, fez um gesto maquinial em direção a seu bolso vazio em que normalmente deviam se encontrar seus cigarros.

— O sr. Michonnet, que desde havia alguns dias só falava do seu carro novo, acredita numa brincadeira de mau gosto. Vai à casa do senhor, encontra o portão trancado e toca a campainha em vão. Meia hora depois, conta sua desventura à gendarmeria e esta vai ao seu domicílio. Não encontra nem o senhor, nem sua irmã. No entanto, na garagem percebem o carro do sr. Michonnet e, no banco da frente, caído sobre o volante, um homem morto, assassinado por um tiro disparado à queima-rou-

pa no peito. Os documentos dele não foram roubados. Chama-se Isaac Goldberg, negociante de diamantes em Antuérpia.

Maigret alimentou a estufa, sem parar de falar.

— A gendarmeria faz diligências, fala com os funcionários da estação de Arpajon, que o viram pegar o primeiro trem para Paris, em companhia de sua irmã. Pegam os dois ao chegarem na Gare d'Orsay, aqui em Paris. O senhor nega tudo.

— Nego ter matado quem quer que seja.

— Também nega conhecer Isaac Goldberg.

— Eu o vi pela primeira vez morto, ao volante de um carro que não me pertence, na minha garagem.

— E em vez de telefonar para a polícia, fugiu com sua irmã.

— Fiquei com medo.

— Não tem nada a acrescentar?

— Nada!

— E mantém que não ouviu nada durante a noite de sábado para domingo?

— Tenho um sono muito pesado.

Era a quinquagésima vez que ele repetia exatamente as mesmas frases, e Maigret, irritado, tocou a campainha elétrica. O inspetor Lucas apareceu.

— Volto já.

A conversa de Maigret com o juiz de instrução Coméliau, que havia sido designado para o caso, durou cerca de quinze minutos. O magistrado, por assim dizer, entregava os pontos de antemão.

— O senhor vai ver que será um desses casos como só existem, felizmente, um a cada dez anos e cuja incógnita nunca se descobre! E é nas minhas mãos que ele cai! Todos os detalhes são incoerentes. Por que essa troca de carros? E por que Andersen não usou o que está na garagem para fugir, em vez de

ir para Arpajon a pé e pegar o trem? O que esse diamantista foi fazer na Encruzilhada das Três Viúvas? Acredite, Maigret, para o senhor como para mim, é o começo de toda uma série de aborrecimentos. Solte-o, se quiser. O senhor talvez tenha razão de acreditar que, se resistiu a um interrogatório de dezenove horas, não tiraremos mais nada dele.

O comissário estava com as pálpebras meio avermelhadas, porque tinha dormido pouco.

— Viu a irmã dele?

— Não. Quando me trouxeram Andersen, a moça já havia sido levada para casa pela gendarmeria, que queria interrogá-la no local dos fatos. Ela ficou por lá. Está sendo vigiada.

Apertaram as mãos. Maigret voltou para a sua sala, onde Lucas observava indolentemente o preso, que havia colado a testa na vidraça e esperava sem impaciência.

— Está livre — disse, ainda na porta.

Andersen não teve um só tremor, mas esboçou um gesto em direção ao pescoço nu, aos sapatos desamarrados.

— Vão lhe devolver seus pertences na custódia. Claro, o senhor permanece à disposição da justiça. À menor tentativa de fuga, mando o senhor para o presídio de La Santé.

— E minha irmã?

— Vai encontrá-la em sua casa.

Apesar de tudo, o dinamarquês deve ter sentido certa emoção ao passar a porta, porque tirou o monóculo, passou a mão sobre o olho perdido.

— Muito obrigado, comissário.

— Não há de quê.

— Dou minha palavra de honra que sou inocente.

— Não lhe pedi nada.

Andersen fez uma mesura, esperou que Lucas se dispusesse a encaminhá-lo à custódia.

Alguém tinha se levantado na antessala, havia assistido a

essa cena com uma estupefação indignada e se precipitava até Maigret.

— Como! Vai soltá-lo? Não é possível, comissário.

Era o sr. Michonnet, corretor de seguros, dono do carro novo. Entrou sem pedir licença na sala, pôs o chapéu em cima de uma mesa.

— Venho, antes de mais nada, tratar do carro.

Um pequeno personagem grisalho, vestindo-se com um apuro tosco, levantando sem parar as pontas dos seus bigodes encerados.

Falava espichando os lábios, esboçando gestos que assegurava categóricos, escolhendo as palavras.

Era ele o querelante! Era ele que a justiça devia proteger! Não era ele uma espécie de herói?

Não se deixava impressionar, ele não! A Chefatura inteira estava ali para ouvi-lo.

— Tive esta noite uma longa conversa com a sra. Michonnet, com quem o senhor logo travará conhecimento, espero. Ela é da minha opinião. Saiba que o pai dela era professor do liceu de Montpellier e que a mãe dela dava aulas de piano. Se lhe digo isso... Em suma...

Era sua expressão predileta. Ele a pronunciava de uma forma ao mesmo tempo taxativa e condescendente.

— Em suma, é preciso tomar uma decisão no mais breve prazo. Como todos, como os mais ricos, inclusive o conde de Avrainville, comprei o carro novo a prazo. Assinei dezoito promissórias. Saiba que poderia ter pago à vista, mas é inútil imobilizar capitais. O conde de Avrainville, de que acabo de lhe falar, fez a mesma coisa ao comprar seu Hispano. Em suma...

Maigret não se mexia, respirava fortemente.

— Não posso prescindir de um carro, ele é estritamente necessário para o exercício da minha profissão. Considere que meu raio de ação se estende a trinta quilômetros de Arpajon.

Ora, a sra. Michonnet é da minha opinião. Não queremos mais um carro em que um homem foi morto. Cabe à justiça fazer o necessário, nos dar um carro novo, do mesmo tipo do anterior, com a diferença que vou querer da cor borra de vinho, o que não altera em nada o preço.

“Saiba que o meu estava amaciado e que serei obrigado a...”

– É tudo o que o senhor tem a dizer?

– Perdão?

Mais uma palavra que ele gostava de empregar.

– Perdão, comissário! É claro que estou pronto para ajudá-lo com todos os meus conhecimentos e minha experiência das coisas do lugar. Mas é urgente que um carro...

Maigret passou a mão pela testa.

– Bom, irei em breve à sua casa.

– E o carro?

– Quando as vistorias estiverem terminadas, devolverão o seu.

– Mas se estou dizendo que a sra. Michonnet e eu...

– Meus cumprimentos à sra. Michonnet. Bom dia, senhor.

Foi tão rápido que o corretor nem teve tempo de protestar.

Viu-se no corredor, com o chapéu que lhe haviam metido na mão e o contínuo que lhe dizia:

– Por aqui, por favor. Primeira escada à esquerda. A porta em frente.

Maigret, por sua vez, trancava a porta com duas voltas, bojava água para esquentar na estufa a fim de preparar um café bem forte.

Seus colegas acharam que estava trabalhando. Mas tiveram de acordá-lo quando, uma hora depois, chegou um telegrama da Antuérpia dizendo:

Isaac Goldberg, 45 anos, corretor de diamantes, muito conhecido na praça. Importância média. Boas referências bancárias.

Fazia toda semana, de trem ou avião, as praças de Amsterdam, Londres e Paris.

Casa luxuosa em Boergerhout, Rue de Campine. Casado. Pai de dois filhos, de oito e doze anos.

A sra. Goldberg, avisada, tomou o trem para Paris.

Às onze da manhã, o telefone tocou. Era Lucas.

— Alô? Estou na Encruzilhada das Três Viúvas. Telefone da oficina que fica a duzentos metros da casa dos Andersen. O dinamarquês entrou em casa. O portão foi fechado. Nada de especial.

— A irmã?

— Deve estar lá, mas não a vi.

— O corpo de Goldberg?

— No anfiteatro de Arpajon.

Maigret voltou para casa, no Boulevard Richard Lenoir.

— Parece cansado — lhe disse simplesmente sua mulher.

— Faça uma mala com um terno, um par de sapatos de reserva.

— Vai demorar muito fora?

Havia um guisado no fogão. No quarto de dormir, a janela estava aberta, a cama desfeita para arejar os lençóis. A sra. Maigret ainda não tivera tempo de tirar os grampos que prendiam seus cabelos em bolinhas duras.

— Até a volta.

Beijou-a. No momento em que saía, ela observou:

— Está abrindo a porta com a mão direita...

Era contra o costume dele. Sempre abria com a esquerda. E a sra. Maigret não escondia que era supersticiosa.

— O que é? Uma quadrilha?

— Não tenho ideia.

— Você vai para longe?

– Ainda não sei.

– Tome cuidado, viu?

Mas ele já descia a escada, mal se virava para lhe dar adeus com a mão. No bulevar, parou um táxi.

– Para a Gare d'Orsay. Aliás... Quanto é a corrida até Arpajon? Trezentos francos, com a sua volta? Vamos embora!

Era raro fazer isso. Mas estava exausto. Tinha dificuldade de vencer o sono que fazia suas pálpebras arderem.

E afinal, não estaria um pouco impressionado? Não tanto por causa da porta que tinha aberto com a mão direita. Nem por causa daquela história extravagante de carro roubado de Michonnet e encontrado com um morto ao volante na garagem de Andersen.

O que na verdade o incomodava era a personalidade deste último.

– Dezessete horas de interrogatório!

Bandidos traquejados, malandros que haviam passado por todas as delegacias de polícia da Europa não haviam resistido a uma provação daquelas.

Talvez tenha sido por isso mesmo que Maigret soltou Andersen.

Mas o caso é que, a partir de Bourg-la-Reine, ele dormia no banco de trás do táxi. O chofer o acordou em Arpajon, em frente ao velho mercado com teto de palha.

– Vai para que hotel?

– Continue até a Encruzilhada das Três Viúvas.

Uma subida pelos paralelepípedos brilhantes de óleo da estrada nacional, que tinha, dos dois lados, cartazes com anúncios de Vichy, Deauville, dos grandes hotéis ou das marcas de gasolina.

Um cruzamento. Uma oficina e cinco bombas de gasolina pintadas de vermelho. À esquerda, a estrada de Avrainville, com um poste de sinalização espetado.

Em volta, campos a perder de vista.

– É aqui – disse o taxista.

Só havia três casas. Primeiro a do dono da oficina, de placas de gesso, edificada rapidamente na febre dos negócios. Um carrão esporte, com carroceria de alumínio, enchia o tanque. Mecânicos consertavam um furgão de açougue.

Em frente, uma casa de pedra, estilo casa de campo, com um jardim estreito cercado por grades de dois metros. Uma placa de cobre: *Émile Michonnet, seguros*.

A outra casa ficava a duzentos metros. O muro que cercava o jardim só permitia enxergar o andar de cima, um telhado de ardósia e algumas belas árvores.

Essa construção datava de pelo menos um século. Era a boa casa de campo de outrora, comportando uma casinha destinada ao jardineiro, as áreas de serviço, o galinheiro, uma estrebaria, uma entrada com escada de cinco degraus tendo nas laterais tocheiras de bronze.

O laguinho cimentado estava seco. De uma chaminé com capitel esculpido subia reto um fiapo de fumaça.

Era tudo. Para lá dos campos, um campanário, tetos de fazendolas, uma charrua abandonada em algum lugar à beira da plantação.

E, na estrada lisa, carros que passavam, buzinavam, se cruzavam, se ultrapassavam.

Maigret desceu, mala na mão, pagou o taxista, que, antes de voltar para Paris, abasteceu na oficina.